CAPÍTULO 1 – FICCIONALIDADE E IMAGEM COMO INFORMAÇÃO DE COMPLETUDE

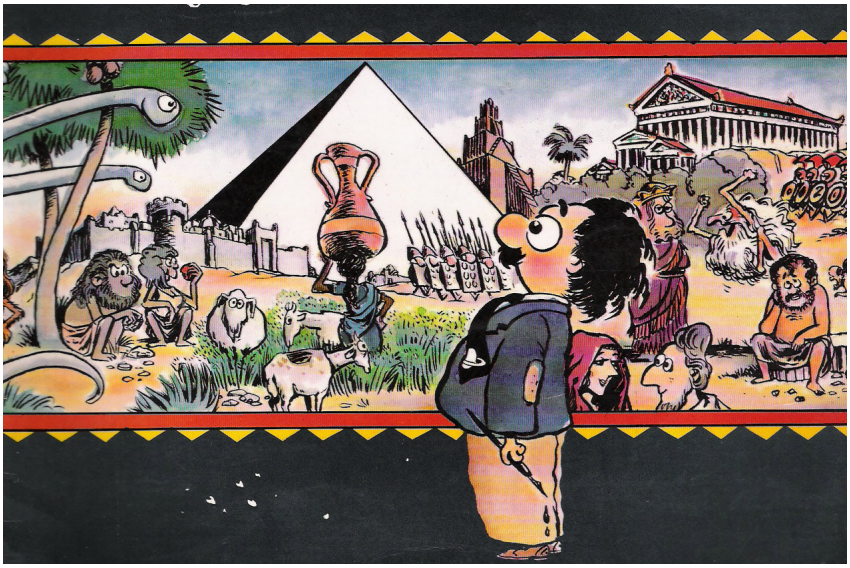


Fig. 33

1.1. A ficcionalidade e a imagem como necessidades ontológicas sociais

A espécie humana gregária é fruto de uma evolução da natureza, que em primeira instância parece ser originada apenas da matéria física. Porém, sendo esta nada mais que uma condensação da energia, o corpo e mente humanos englobam desde a matéria conhecida, ou seja, todos os elementos constituintes deste planeta, sendo físicos ou não, bem como as inomináveis energias existentes (e desconhecidas) do cosmo.

O fato de possuir uma autonomia e poder agir no planeta de forma exemplar, forneceu à espécie humana o direito ao usufruto de todas as matérias primas, manipulando-as a seu bel-prazer. Isto só foi possível graças a um corpo bípede, e mãos cujos dedos permitem intervenções, comandadas por uma consciência eclodida de uma mente que, segundo consenso da ciência atual, é fruto de um cérebro – um "processador" neuronal, ápice de um evolver de bilhões de anos, que se encontra baseado desde um princípio formador e os primeiros seres vivos (células simples).

O homem é um ser vivo animal, chamado pela ciência de mamífero superior, pois tem uma particularidade que o distingue: a racionalidade que o inclina a um suposto livre arbítrio. Seus atos são dados de acordo com uma incessante elaboração de fatos, que pedem intervenção freqüente na natureza externa, de modo a equilibrar sua ânsia de viver.

Aliás, este é um dado a se ponderar: o homem considera a natureza como algo externo, alheio a si mesmo, esquecendo-se de que ele mesmo é parte desta existência (isto se ampliou sobremaneira à época de Descartes). Tal modo de agir e pensar formatou a humanidade desde quando ainda estava principiando sua escalada evolutiva. Este percurso se deu com uma base racional e se orientou por uma construção mental inicialmente mítica e mística, para depois ser reconsiderada, já que os "segredos mágicos" foram sendo desvelados através de uma incessante elaboração crítica (e empírica) da espécie humana.

Para De Gregori (1999), há mesmo um funcionamento triádico do cérebro humano, com a lógica racional ou formal (hemisfério esquerdo do cérebro), a lógica irracional ou pensamento selvagem: a lógica da fé (hemisfério direito) e a lógica dos fatos, da força, do bom senso, do lado comum (porção central). O autor trabalha com uma teoria triádica do cérebro, em que no homem, à parte central cerebral (porção réptil), atou-se, na evolução, a parte direita e esquerda, conferindo às sucessivas camadas, modalidades de raciocínio que penderam diferentemente em várias fases das humanidades, culminando numa exacerbação do cientificismo, mas sob o jugo de

um pensar pragmático central (reptiliano), em detrimento das modalidades "não lógicas" do hemisfério cerebral direito.

O filme "2001: Uma odisséia no espaço", de Stanley Kubrik, baseado na obra homônima do escritor de ficção científica, Arthur C. Clarke, expõe de forma curiosa o que poderia ter sido o princípio da racionalidade humana, em confluência com os mistérios sempre existentes do universo. No enredo, primatas em estado de transição, próximos então dos hominídeos, presenciam a chegada de um imenso monólito negro, que vem dos céus. Ao pousar, algo ocorre aos seres, que, curiosos, buscam entender o que seria aquela aparição, tão destoante do que estavam acostumados em seu universo ainda primitivo. Após certo tempo de interação visual e contato entre os hominidas e o objeto retangular, algo parece ocorrer na mentalidade daqueles seres primitivos, e um impulso primordial de "autoria" parece se manifestar: um deles toma um osso e descobre a "ferramenta", ou a "arma" e mata outro de seus, eclodindo numa pequena batalha. O vencedor descobre assim um princípio de livre-arbítrio, ao mesmo tempo em que se satisfaz ao sentir o poder (o que se coaduna com a ascensão da razão central, do ego e do poder masculino que permeou quase toda a evolução histórica da humanidade). A apoteose da cena se dá quando o vencedor joga o osso aos céus e urra, atestando ali uma nova aurora. O filme, em seguida, corta a cena e mostra o espaço sideral, expondo a imagem de uma estação orbital de formato que lembra o osso, na mesma posição em que a última cena o colocou no ar (sintetizando o avanço que decorreu desde aquele princípio pré-histórico até o futuro de 2001), lembrando um simbolismo fálico inerente ao homem e ao poder.

O monólito que serve de referência a esta mudança paradigmática pode servir de metáfora à religião e ao que a ciência representa. Deus, para a maioria das religiões, além de um princípio de poder, traz perene também a racionalidade, a trindade (o triângulo perfeito, distinto, entretanto do quadrilátero configurado pelo monólito). Porém, o monólito, com seus quatro lados e formas precisas (retas), destoantes assim, das reentrâncias caóticas da natureza, também simbolizaria o princípio da racionalidade incutida na mente antes primitiva, do antepassado do homem histórico. Ora, acredita-se que os símios descendem de um mamífero do tamanho de um esquilo, e similar a um musaranho. As mudanças evolutivas trouxeram, por exemplo, olhos posicionados mais à frente da cabeça, e a inteligência expandiu o córtex cerebral, abrindo caminho aos primatas. Sabe-se também que a ordem dos primatas inclui os lêmures, símios e macacos, mas estes, bem como o homem, descendem de um ancestral comum, mas que a ciência ainda desconhece. Assim, apesar de todas as descobertas até a atualidade, certos fatos são ainda

incógnitas, e abrem possibilidades e especulações imaginativas, ficcionais, como esta, aventada pelo escritor Clarke e trazida ao cinema por Kubrik.

O historiador Arnold Toynbee (*In* ROHDEN, 1985:40) diz que o egocentrismo foi angariado com grande esforço pelo gênero humano, que se antes era uma espécie subordinada ao universo, desliga-se parcialmente e se estabelece como um poder autônomo, lutando de todas as formas para que o universo satisfaça seus propósitos egoístas. Este "desespero" é misturado a um sentimento de "perda" que precisa ser readquirido: Bill Moyers em entrevista com Joseph Campbell (1990), conclui, sob a assertativa de Campbell, que as narrativas (contações de histórias), são realizadas para que os seres humanos harmonizem suas vidas com a realidade em que vivem.

1.2. Uma gênese da vida e da metáfora

Mas a aventura da vida se reflete na própria história oficial acadêmica, que é contada pela espécie humana de diversas formas, tanto objetiva (sistema cartesiano), como subjetiva (a partir de um contexto pessoal e psíquico cultural).

Oficialmente, o princípio de tudo foi uma explosão universal, o big-bang, teoria proposta por George Gamow em 1947, que, apesar de ainda não estar completamente comprovada, prevaleceu sobre a teoria do universo estacionário que tentou desbancá-la (MARTINS, 2001:157-163). No big-bang, há aproximadamente 15 bilhões de anos, houve um início da matéria através da expansão de uma luz (energia) "explodida" por ter estado hiperconcentrada (COUPER; HENBEST, 1998:10). A partir de então começa a haver o tempo, contrariamente à teoria do "universo estacionário" que crê na infinitude de tudo. Estudos atuais, porém, recrudescem uma nova teoria distinta: que o "big-bang" não foi o único, e sim um de uma série infinita. Assim, o universo (ou universos) se expandiria(m) até a morte térmica, para depois ocorrer novamente de forma cíclica.

De qualquer forma, esta explosão inicial, na qual a espécie humana é inserida, lançou a matéria inicialmente como radiação de micropartículas, os fótons, dando início aos neutrinos e aos elétrons (positivos e negativos), e por fim aos prótons. Prótons e elétrons originaram o hidrogênio, cujos átomos aglutinados tomaram a densidade de uma imensa nuvem que posteriormente se dividiu em milhões de outras, dando origem às galáxias. Nas etapas iniciais destas galáxias (chamadas de protogaláxias) advieram as estrelas (proto-estrelas: criadas sob o efeito das forças gravitacionais das protogaláxias). Diversos fatores, como condensações, reações termonucleares e variações de temperatura conduziram ao acendimento das proto-estrelas, tornando-as estrelas. A partir de então, elementos químicos mais complexos

que o hidrogênio ejetaram-se desta estrela, e começaram a ser burilados, formando uma nuvem concêntrica, que, com a ajuda da gravidade, se subdividiu e formou os corpos planetários, dentre os quais a Terra (J. E. Charon *in* GRECO, 1987:22).

O planeta Terra tem uma idade de 4 ou 5 bilhões de anos, e o homem, mais próximo de um ser evoluído, datando de 2 milhões de anos atrás (*homo habilis*), possui, de certa forma, todos os estágios anteriores da evolução, seja ontológica ou filogeneticamente: energia, matéria viva, animal, metazoário, cordado, mamífero, placentado, primata, antropoideo, hominoideo, homo e sapiens (GRECO, 1987:26).

O homem, então, também resulta da síntese evolutiva cósmica. Nele, coexistem todos os sistemas agregados desde a origem "material".

A matéria inanimada não parece ter o poder de se comunicar (atualmente, apesar disso, crê-se na possibilidade de, mesmo a matéria, possuir algum nível de consciência) e nem os animais podem exercer um estatuto de observador participante, diferentemente do homem, que estabeleceu com isso formas únicas de comunicação. Aliás, o processo de evolução do hominídeo, que o fez sair das copas das árvores para buscar alimentos, devido às intempéries da natureza, tornou-o bípede, e aos poucos, também carnívoro (em realidade, onívoro, quando antes era apenas herbívoro). Assim, no decorrer deste processo, e a partir de um elo perdido ainda não encontrado, aventa-se que este hominídeo, que foi se destacando da natureza, e passando a ter uma consciência diferenciada, também sentiu necessidade de retorno ao seio maternal da natureza, pois agora seu sofrimento era "consciente", e isto o atormentava. Em grupo, este homem sentiu igualmente a vontade de comungar deste sentimento com os seus.

Assim, a necessidade humana de comunicação remonta à pré-história, em que, como se sabe, antes de tomar a forma da linguagem escrita, teve sua gênese nos traços desenhados nas grutas onde se abrigavam nossos antepassados. Ainda assim, antes do homem começar a "rascunhar" nas areias ou paredes, ele principiava sua comunicação através dos gestos, associados a sons guturais. No entanto, após a criação dos alfabetos, as civilizações passaram a registrar de forma mais contundente na matéria suas epopéias, principalmente através dos textos. Tais textos também utilizavam figuras, ou então eram substituídos pela iconografia pura, como nas narrativas bíblicas pintadas em seqüência dentro das catedrais - cavernas arquitetadas -, a fim de poder fazer a ponte de comunicação com o grande público iletrado. Neste sentido, é interessante frisar que estas pinturas, tanto nas igrejas, como nas cavernas, continham o princípio da narrativa visual das histórias em quadrinhos modernas...

Assim, todas estas intenções comunicacionais nada mais eram do que tentativas de manter viva a chama da cumplicidade, de se perpetuar a cultura, da qual surgiu a própria necessidade ontológica humana de resgatar o idílio perdido, a partir do instante em que o homem se viu destacado da natureza.

Para Cristina Costa (2002:9), "segundo filósofos como Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty, psicólogos como Jacques Lacan e antropólogos como Lévi-Strauss, o homem teria, em algum momento da sua história, vivenciado um processo único de ruptura com a natureza.". Este processo abriu um precedente, em que tal separação desconfortável se traduz até hoje em mitos que repetem esta cisão, como uma busca de algo que permanece na estrutura interna humana:

> esse desligamento de uma situação primordial na qual estivera imerso foi sentido pelos primeiros hominídeos como uma grande perda, associada contraditoriamente a idéias do nascimento, condenação e desterro. Há milênios o homem relembra em seus ritos esse momento em que, ao deixar o paraíso, rompe com a natureza generosa e abundante, com a reprodução indolor e com a imortalidade. (COSTA, 2002:9)

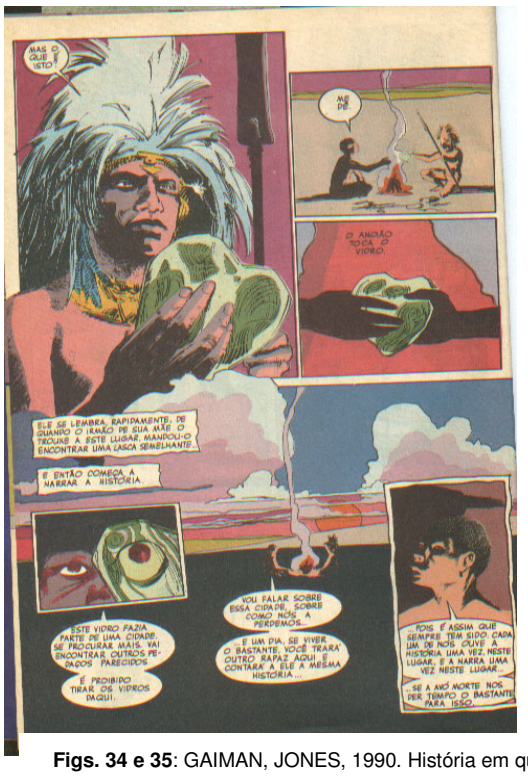
Em muitas lendas, os homens foram criados pelo sopro divino e moldados de barro. Tal oralidade repetida se condensou pela ficcionalidade com diversas roupagens, aproximando-se da descrição bíblica:

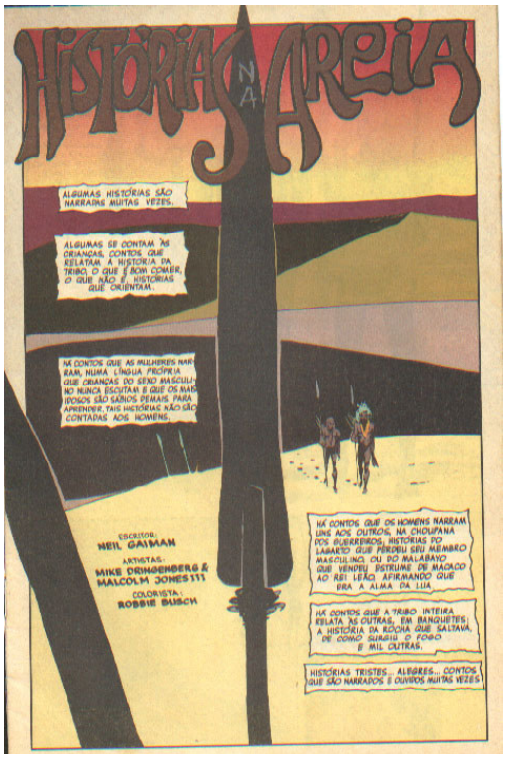
> A descrição nheengatu apresenta grande semelhança com a origem do universo descrita no *Genesis* (o início da Bíblia judaica). Nos dois casos, há um início de trevas, existem certas "águas" primitivas e surge uma divindade invisível, que vai originando todas as coisas e que irá formar o homem a partir do barro, soprando sobre ele para lhe dar a vida. (MARTINS, 2001:9).

A bíblia descreve a "tentação" de Adão e Eva, como uma transgressão às ordens superiores divinas. Como metáfora, a maçã seria o princípio racional, o "monólito" que pousa e interfere e se deixa como uma tentação para influenciar o homem. Ao "provar" do fruto do bem e do mal (conhecimento racional, auto-consciência), o homem (e a mulher) foram expulsos do "paraíso" (se desconectaram de um agir natural da natureza), e tiveram que usar seu livre-arbítrio como forma de obter alimento e abrigo, com o diferencial de não mais viver o momento presente (como os animais), e sim o "eterno" devir, a busca egóica e egocêntrica de algo olvidado.

A ficcionalidade, assim, pode ser entendida como a elaboração de conceitos imagéticos, "de histórias que reconhecem o poder da ficção na transformação da realidade, ou, ao menos, na elaboração de conflitos envolvendo a vida dos homens" (COSTA, 2002).

Com esta linha de raciocínio, o homem, vendo-se forçado a compartilhar tal vivência com seus semelhantes, tem buscado na comunicação a ponte para seu resgate, para seu entendimento e posicionamento nesta nova situação de vida (**figs. 34 e 35**):





Figs. 34 e 35: GAIMAN, JONES, 1990. História em quadrinho que mostra uma tribo em que seus membros tecem narrativas míticas transmitidas de geração em geração.

Desta forma,

> A comunicação é a ponte que integra subjetividades através de ferramentas de linguagem – os signos, as técnicas e as tecnologias comunicativas. (...) A comunicação transforma-se, assim, em veículo que liga interioridade e exterioridade, reconstituindo o elo perdido entre o homem e o mundo que o rodeia. Em razão disso, a expressão humana dirige-se para o real, constituindo-o, impregnando-o de um simbolismo que o acultura e o torna partilhável. (COSTA, 2002:12)

Ora, esta partilha, que dos ritos, da oralidade e escrita tomou vida e continuidade necessárias para a reconstituição desta perda do homem, também foi assegurada na forma de desenhos.

Ao mesmo tempo, a evolução mental do homem, que teve vários apogeus, caiu numa religiosidade obscura na época medieval, com sua posterior substituição no Renascimento por uma nova forma de pensar. Esta forma perseverou, principalmente no mundo ocidental, na racionalidade e nos fundamentos científicos calcados em Descartes, culminando no reducionismo da ciência newtoniana, para, enfim, dar lugar à era atômica e aos novos paradigmas da ciência quântica e da visão ecológica do homem hodierno. No entanto,

> desde que Descartes, com base em suas especulações a respeito da "verdade primeira" (sobre a qual a filosofia seria reconstruída), excluiu as disciplinas humanísticas da filosofia, o problema da imagem foi, não só negligenciado, como também excluído das cogitações filosóficas. O processo, que deriva da descoberta de uma verdade primeira, só pode mostrar caráter racional. Assim sucedeu que, com o começo do pensamento moderno racional (isto é, científico) e patético (isto é, retórico), iniciado por Descartes, os discursos foram separados da ciência filosófica e a arte da oratória, ou seja, a linguagem figurada, foi excluída. (GRASSI, 1978:13)

Porém, as descobertas científicas foram se postulando de acordo com a própria atualização do homem, e, embora algumas tenham sido elaboradas de forma intuitiva até, na Grécia, com os atomistas (MARTINS, 2001:47), recrudesceram na época do Renascimento, e tomaram forma a partir das teorias darwinistas e das leis da física postuladas por Isaac Newton, através de uma adequação inquisitória batizada de cartesiana (graças às reflexões de Descartes):

> Como sabemos, a física clássica e o modelo mecanicista encontram-se baseados nas teorias de Descartes (1596-1650) e Newton (1642-1727). O mundo, segundo estes grandes pensadores, seria uma grande máquina complexamente composta de partes, que funciona sob a égide de determinadas leis necessárias – válidas a todo e qualquer tempo – e universais – em todo e qualquer lugar. A partir de suas obras foi sendo desenvolvido um *método* analítico que procurava dividir os fenômenos da natureza em partes menores, com o objetivo de facilitar e simplificar a sua explicação. A este procedimento – assumido por gerações e gerações de cientistas de todas as áreas do saber – chamamos reducionismo. (PRATES, 1997:15).

A atualização científica veio com uma nova maneira de "ver" o universo, através dos físicos contemporâneos a Albert Einstein, que junto a ele transformaram o paradigma newtoniano (lei da ação e reação) no novo paradigma da teoria quântica e da ciência fractal, onde nada mais é absoluto, pois depende de uma relação entre objeto observado e observador, e de uma probabilidade existencial corpórea ou ondulatória das micropartículas. Dessa forma, foi com a exacerbação do racionalismo, impulsionado a partir do Renascimento europeu e consolidado durante o positivismo *comtiano*, da Revolução Industrial, e do reducionismo científico pós-Descartes/Newton, que se construíram as bases desta nossa civilização atual (principalmente a ocidental). Para Auguste Comte, filósofo francês, só por meio da ciência poderia o homem assegurar um progresso em todos os setores. Seu pensamento coincidiu e influenciou o caráter "positivista" das revoluções científicas e industriais da passagem do século XIX ao XX (BARSA, 1979).

Na realidade, no afã do deslumbramento científico, o ser humano tem-se pautado por uma retórica exagerada acerca da importância informacional do texto, em especial o científico, encarando como irrelevantes a imagem, a poesia, o sentido figurado e os escritos poéticos: "A palavra escrita estava se tornando mais especializada, abstrata e elaborada...cada vez menos como figuras." (MCCLOUD, 1995:144).

Porém, o que se configura no cérebro humano ao nível mental resulta de uma interação do homem com os objetos que o rodeiam: átomos em conjunção numa realidade que, em instância microscópica, se configuraria extremamente distinta da visão de nossos olhos e da maneira como os atomistas gregos supunham a forma atômica **(fig. 36)**. A arte, por exemplo, a partir do expressionismo já não se coadunava só com as leis da física (do realismo cartesiano). Mesmo os pintores impressionistas tentaram fazer com que o homem "visse" de outra forma os momentos distintos das paisagens, intentando passar as "sensações" de uma realidade "real" que seria visível na natureza, em diferentes momentos da incidência da luz solar, apesar de

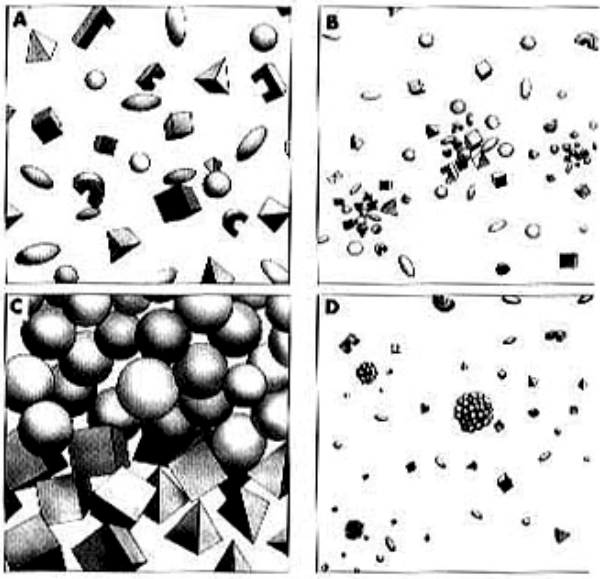


Fig. 36: Para os atomistas gregos, os átomos tinham formas geométricas. (MARTINS, 2001:47)

toda a lógica e funcionamento cartesiano. Eles queriam representar não a cena e a paisagem somente, mas o impacto emotivo da visão daquela cena em dado instante. (LUMER, LUDOVICA, 2004:87).

De qualquer maneira, sendo a visão algo imperioso no homem, a imagem se coloca de suma importância à sua mente, inclusive antes da invenção da escrita:

> Durante milênios, as imagens levaram os homens a entrar em um sistema de correspondência simbólica, ordem cósmica e ordem social, muito antes que a escrita linear viesse a compor as sensações e as cabeças. É o caso dos mitogramas e pictogramas do Paleolítico, quando ninguém sabia "ler e escrever". É também o caso dos egípcios e dos gregos, após a invenção da escrita. Os vitrais, os baixo-relevos e a estatuária transmitiram algo do cristianismo às comunidades de iletrados. Estes não tinham necessidade de um código de leitura iconográfica para apreender as "significações secundárias", os "valores simbólicos" do ajoelhar-se, da Crucifixão ou da trindade divina. Essas imagens, e os rituais a que estavam associadas, afetaram as representações subjetivas de seus espectadores e, por aí, contribuíram para formar, manter ou transformar sua situação no mundo. (DEBRAY, 1993:54)

Debray confirma a importância da imagem como elemento que auxilia numa interação entre o humano e a realidade. Para Sartre (1985), a imagem é um elemento vital da vida psíquica. As imagens estão em tudo: é conhecida a técnica de neurolinguística, que aplica a "brincadeira" teste, na qual se pede que o interlocutor "não pense em macacos". Ora, a palavra tem uma carga semântica que remete a seu objeto: mal se pronuncia a palavra, a mente do ser humano, que é triádica, segundo MacLean (Greco, 1987,27) confirma automaticamente a visualização imagética do objeto mencionado, embora o pedido tenha sido o de não recordá-lo.

A realidade, porém, teria concepções diferentes para o Ocidente e o Oriente:

> condenamo-nos, igualmente, a não perceber o quanto permanecem problemáticas e incertas as relações entre o que os ocidentais – mas somente os ocidentais – chamam de realidade e imaginário (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997:45).

Estes mesmos autores aludem, ainda, a diversas teorias e concepções em relação ao imaginário, à imagem e à função, citando análises antropológicas, psicanalíticas, semióticas, substancialistas, tentando uma conciliação e convergência do tema. Já Ernesto Grassi (1978:13) especula em defesa de um retorno à linguagem figurada, à re-apropriação do caráter imagético na evolução científica e comunicacional humanas, aparentemente tão importante para a completude do

homem, mas abandonada desde Descartes: o pensamento cartesiano cindiu a mente do corpo, e assim, com um regramento racional, permitiu um estudo científico e rigoroso de todo o universo, abandonando, porém, o subjetivismo e envolvimento do pesquisador, refletindo em todas as extensões humanas e causando um sistema educacional unilateral e fragmentário.

Campbell (1990:10) afirmou que o conteúdo educacional é apenas informação e tecnologia, e não sabedoria, que estão contidas nas mitologias dos povos. Os mitos não são ficções irreais de lugares e eventos que só existem na mente fértil humana; antes, a realidade tridimensional podia ser apenas uma das realidades de outras dimensões, que são conjeturadas de forma séria pela física atual. Neste sentido, a física quântica abriu as portas para um novo modo de pensar a existência (conflitando com a questão newtoniana e cartesiana) e traçando paralelos entre seu funcionamento paradoxal e as filosofias orientais (Capra:1990). Permitiu, assim, novas tecnologias e abordagens, que são igualmente utilizadas pela arte.

André Parente (1997), pesquisador de novas mídias, tem projetado veículos de "imersão" que estão bem próximos do binômio arte/ciência; filmes como *Matrix* e *Abra os olhos*, caminham para este desvelar e comunhão da ciência "virtual", com as informações passadas poeticamente, ficcionalmente. Da mesma forma, as tecnologias atuais tentam incluir as "sensações" simuladas de realidade em seus jogos virtuais e de imersão; ainda assim, o deslumbramento perpassa por visualizações de paisagens inóspitas, mundos "exóticos", infra-mundos, e até cores mais "reais" que as da realidade, conforme anuncia uma página publicitária de telefone celular: "nem a realidade tem imagens tão perfeitas" (VEJA, 2002:81).

Artistas e pesquisadores têm se dedicado a tentar afastar os preconceitos e incoerências resultantes de fracas análises, quer seja por parte de públicos leigos, quer por parte de profissionais desatentos e/ou desatualizados. A questão da cisão ofertada pela ciência, que se seguiu após Descartes, começa a ceder terreno para um mundo em que o pesquisador influencia a realidade física (por meio das partículas atômicas), e as próprias concepções acerca do cérebro e processamentos mentais começam a se modificar. Aponta-se, por exemplo, a realidade virtual, uma realidade potencial, que coincide com a questão da re-elaboração imagética e ficcional, abordada anteriormente por Cristina Costa (2002) e retomada por André Parente (1997):

> Se a experiência do ciberespaço está destinada a nos transformar não é porque ela vai substituir a realidade por uma realidade cibernética, uma realidade simulada, mas porque o ciberespaço é uma inegável lembrança do fato de que somos

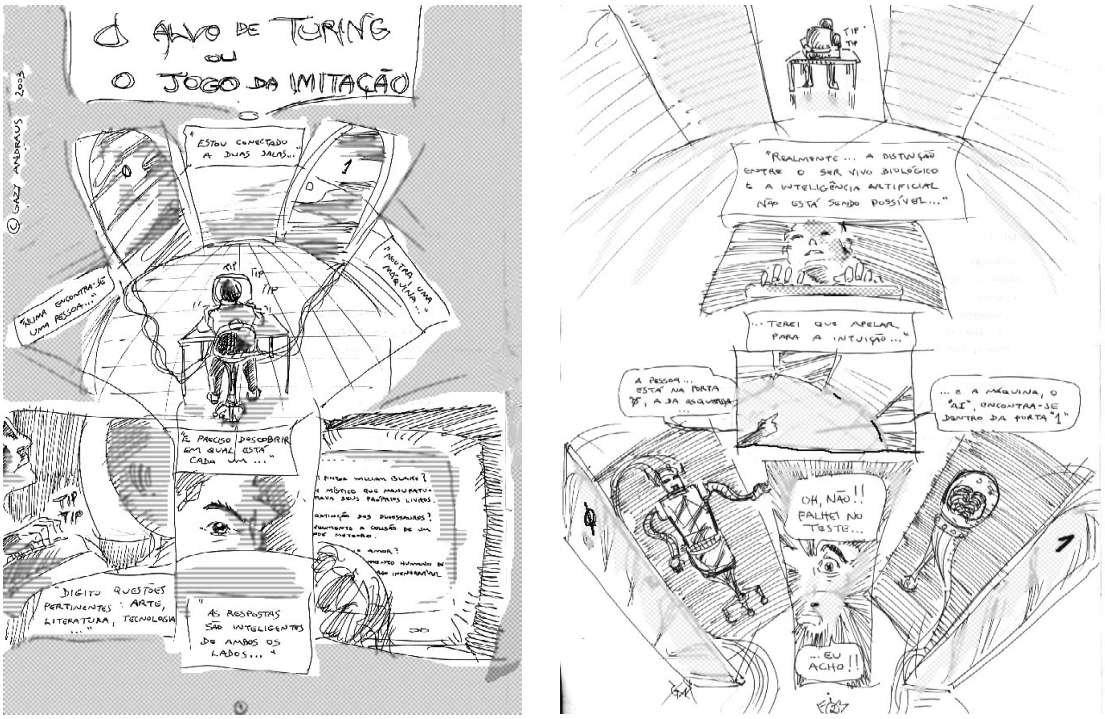
> condicionados para, desde muito cedo, ignorar e negar que nossa subjetividade é, por si só, uma simulação hiper-realista. Nós não cessamos de construir e reconstruir modelos do mundo em nosso mente, usando os dados fornecidos pelos nossos órgãos dos sentidos e pela capacidade de processamento de informações do nosso cérebro e das nossas linguagens. Habitualmente, pensamos no mundo como "algo fora de nós", mas o que percebemos é fruto de modelos cognitivos que existem apenas em nosso cérebro. (PARENTE, 1997).

A ciência atual tem cada vez mais certeza de que o mundo e o universo de que se compartilha a presença física são resultantes de uma "intromissão", uma interferência co-construída entre o homem e seu derredor. Pesquisadores como Rupert Sheldrake (1991) estão mais convictos de que o planeta, a natureza cósmica, enfim, existe em um estado anímico, vivo, contrastando com as premissas newtonianas e cartesianas de um universo maquinado e de funcionamento puramente mecânico:

> Que diferença faz pensar que a natureza é viva em vez de inanimada? Em primeiro lugar, isso solapa as suposições humanistas nas quais se baseia a civilização moderna. Em segundo lugar, proporciona um novo sentido ao nosso relacionamento com o mundo natural e uma nova visão da natureza humana. Em terceiro lugar, torna possível uma ressacralização da natureza. (SHELDRAKE, 1991:203)

Sheldrake parece corroborar a necessidade imanente do homem de se reatar à natureza, que deixou de ser "viva" (principalmente com a instauração do racionalismo científico, prefaciado pelo cartesianismo), e agora retoma um posto que parecia ser idêntico ao do homem em sua vivência primitiva. Assim, é interessante frisar, como aponta Durand (1993:21), que "a imaginação, como aliás, a sensação, é refutada por todos os cartesianos como a mestra do erro", enquanto que a própria ciência cogita variantes imaginárias como forma de ilustrar conceitos existentes, bem como especulativos acerca das próprias possibilidades científicas, como se ilustra a seguir.

Um exemplo interessante é a "Máquina de turing": o matemático britânico Alan Turing, em 1950, achava que até o fim do século XX as máquinas "pensantes" já seriam fato. Mas Turing inquiria como o ser humano julgava a inteligência, para poder classificar uma máquina de "inteligente". Para isso, ele propôs um teste que chamou de "jogo da imitação" (*Imitation game*), que consistia em uma pessoa se imaginar numa sala, capaz de comunicar-se por um terminal com outra pessoa e um computador (**figs. 37 e 38**). Durante a conversação digitada, transitando em variados assuntos, como literatura, arte, o clima etc, as respostas de ambos (humano e máquina) teriam que ser inteligentes e de difícil distinção entre quais seriam as



Figs. 37 e 38: A Máquina de Turing (Arte de G. Andraus)

respostas da inteligência artificial e quais a do outro humano. Por esta teoria, quando não mais fosse possível tal distinção, as máquinas "pensantes" estariam existindo. (DREXLER, 1987, 64-82).

O desenho, a pintura, a escultura,o teatro, o rádio, a TV e o cinema, e agora as tecnologias híbridas não são só extensões de um homem mental e físico (MCLUHAN, 1969), mas também manifestações que simulam as realidades objetiva e subjetiva: nas narrativas escritas, a ficção é o encontro e confronto do "mundo do texto" com o "mundo do leitor", habitando o imaginário e produzindo imagens (BABO, 2000).

O imagético e sua influência em nossas atitudes ainda podem ser respaldados pela censura que um crítico aplicou a Ernesto Grassi, segundo ele mesmo comenta:

> Nossa era racionalista, pretensamente à mercê do 'Logos', se manifesta primariamente através da imagem, da propaganda e 'ordem' advertentes, da retórica dominante e não, através da linguagem escrita para exortar a consciência ao pensamento crítico e diferenciado. (*in* GRASSI, 1978:18).

Grassi ainda completa, enfatizando a influência que exercem as artes (portanto, o fator emotivo) na psique humana:

> Os efeitos óticos, gesto-mímicos ou musicais da propaganda, do reclame nas revistas, filmes, rádio e televisão, determinam nossa vida pública de forma muito mais acentuada do que livros escritos com lógica e diferenciação. (GRASSI, 1978:18).

E ainda consegue colocar em xeque o potencial da linguagem:

> Toda língua, cujas raízes se encontrem diretamente no primitivo, é puramente semântica; ela não demonstra: ela refere-se ou indica – como a linguagem dos mitos, das religiões, do evangelho (da pregação), das sibilas, dos profetas, dos poetas. (...)
> Assim, a própria linguagem semântica tem sua origem numa "visão" imediata, imperativa, indicativa. A linguagem leva ao limitar da *visão* daquilo que se impõe; portanto, toda linguagem básica indicativa tem também um caráter teórico, pois "*theõrein*" significa olhar, "*theõrós*" é o observador nos Jogos Olímpicos. Aqui chegamos ao âmago da insuficiência da linguagem. (GRASSI, 1978:75).

Se ficcionalidade, como afirma Nicola (1994:19), deriva do substantivo "ficção", "cuja palavra provém do latim *fictionem* significando 'ato ou efeito de fingir', simular", as expressões artísticas - e estão inclusas nestas, as histórias em quadrinhos -, que unem a escrita ao desenho, são uma manifestação da ficcionalidade, uma estratificação dos contos e mitos, e trazem um compartilhamento de suas mensagens pelo resgate do lado intuitivo, do prazer e da emoção, estando perfeitamente de acordo com a vontade humana de recontar seus ritos de uma maneira imagético-ficcional, não por meio de uma retórica científica.

No caso das histórias em quadrinhos, pode haver certa influência no aprendizado e memorização, uma vez que a imagem, como se verá, aciona áreas distintas dos hemisférios cerebrais, diferentemente do que se obtém durante a leitura de textos exclusivamente fonéticos, de ordem cartesiana. Porém,

> a ficção não se opõe à realidade dos fatos nem à sua objetividade, apenas a apresenta a partir da subjetividade que a vivencia. Existem outras formas subjetivas e indiretas de experimentar o real como o sonho e o devaneio, mas a ficção distingue-se deles por sua dialogia e interlocução. Enquanto sonho e devaneio se mantêm aprisionados na subjetividade, a ficção se realiza como a plena comunhão entre ela e tudo que existe fora dela – o mundo e as subjetividades que o percebem. (COSTA, 2002:12).

Neste caso, qualquer manifestação comunicacional, quer seja por meio de narrativas orais, de folhetins romanescos, do teatro, das séries ficcionais de TV, do cinema, do vídeo, da música, da poesia, e das histórias em quadrinhos, tem um caráter de re-apropriação de um lugar "mental", cujo alcance tem sido obstaculizado. Representa a reaproximação do homem e de seus congêneres a um suposto "paraíso perdido", a sua reintegração na natureza. E, por ser a visão um dos sentidos mais importantes ao homem, a ficcionalidade, a imaginação, e mesmo a imagem figurada representam uma ponte altamente necessária, que pode se dar também pelas histórias em quadrinhos e seu imaginário:

> O imaginário não é um mundo à parte da realidade histórica, em que há uma gama de imagens e representações que não façam parte da vida. Ao contrário, esse campo icônico e figurativo influencia diretamente nossos julgamentos, nossas formas de viver, trabalhar, morar, vestirmos, alimentarmos, compararmos, medicarmos, de expressar nossas crenças religiosas ou políticas, de organizarmos nosso cotidiano e escolhermos nossas atividades e profissões, e enfim, de construirmos nossas práticas culturais em toda sua diversidade e complexidade (PAIVA, 2004:26-27).

Já Ernesto Grassi parte de uma explanação acerca da distinção do homem e do animal, no que concerne à sua formação, para explicar porque elabora o imaginário e o fantástico:

> Vimos que a diferença fundamental na estrutura do conceito de "formação", no homem e no animal, é o fato do animal já estar "formado" nos seus modos de comportamento – ele vive sempre na tensão que as diversas molduras colocam para o seu comportamento. Mas como o homem precisa procurar esta moldura e o significado de sinais importantes, ele se vê diante de perguntas, dúvidas e tentativas "fantásticas" para fazer frente ao desafio da interpretação. (GRASSI, 1978:61).

Esta busca de "molduras" reforçaria o conceito do distanciamento do homem de sua natureza original, a expulsão do "Paraíso", conceito também abordado por Cristina Costa (2002). Com este raciocínio, explica-se também o mecanismo mental do homem na concepção de suas idéias, lembrando Grassi (1978:61), que *eîdos* significa figura, imagem. E assim, "a compreensão das "idéias", conseqüentemente, foi chamada pelos gregos de "*theoria*", ou seja "vista" ou "visão".

Como afirma ainda Grassi,

> a linguagem racional tem suas bases numa linguagem pré-racional, arcaica, na qual o elemento pictórico, e com ele o elemento "visual", tem papel preponderante. Como resultado, uma linguagem desse tipo deve, por razões muito fundamentais, mais do que por razões "literárias", utilizar-se da metáfora como uma transferência de expressões que são tomadas do domínio dos sentidos e, especialmente, do "visual". (GRASSI, 1978:83).

Desta forma, como se vê, as palavras depõem, em sua origem, a um retorno à valorização da imagem, logo, de uma idéia, que está metaforizada em uma alegoria, em uma ficção, que se desdobra, como na narrativa ficcional e lendária das Mil e Uma Noites, em uma ficcionalidade. Aliás, essa coletânea de contos exemplifica metaforicamente, de forma clara, a função das narrativas, já que implica numa contação diária (noturna, no caso), de um enredo que faz a manutenção da vida da princesa, como algo imperioso e vital, já que adia sua morte, noite após noite, graças ao poder sedutor de suas narrativas.

Se o "rito" da oralidade permeia a história da humanidade e passa a ser registrado por meio dos desenhos e depois pela escrita, como uma informação em substituição à memória, e tal rito tem em si a reprodução de arquétipos universais, que podem ser retomados sempre, esta manifestação necessária - a manutenção da ficção -, que se reproduz atualmente em todos os veículos midiáticos, reflete-se também, de forma única e plena de ser explorada, em quaisquer outras modalidades de expressão.

De fato, as concepções mais atuais da ciência buscam não mais o objetivo pragmático de uma vida mecânica em que tudo funciona em um nível apenas cartesiano, mas também um envolvimento subjetivo, para que a realidade tenda a ser melhor construída, visto que até então, apesar da "consciência" destacada do homem, seu livre-arbítrio inconseqüente criou desequilíbrios na natureza, que chegaram a um grave estado, graças às tecnologias industriais e ao consumo desenfreado e irresponsável.

Desta forma, as concepções acerca da mente humana também estão sendo reelaboradas e reestudadas, graças, principalmente, à tomografia computadorizada. Com este afastamento do sistema reducionista cartesiano, mesmo tabus que não eram levantados pela ciência tomam novo corpo, como os estudos acerca de estados mentais alterados, incluindo o aprofundamento nos processos de cura e fé religiosas, já que se descobrem alterações neurofisiológicas bastante impactantes em indivíduos que meditam (MARINO JR: 2005). Assim, o imagético, os mitos e as fantásticas lendas que são atribuídas às antigas civilizações (e ainda aos povos ditos primitivos)

podem, na verdade, além de ser parte de um aparato psíquico da mente humana que deseja se reconectar, constituir também um resquício imemorial de algo ainda difícil de ser precisado, mas que inegavelmente influenciam na estrutura mental humana.

De Gregori (1999) afirma que, dos três processos mentais eclodidos na humanidade, foi o do lado direito que auxiliou a humanidade a descobrir e penetrar outras dimensões além da realidade tridimensional. Este foi alavancado por pessoas que se tornaram líderes religiosos autênticos, como Zaratustra, Buda, Lao-Tsé, Moisés (os mais antigos).

Porém, as formas iniciais religiosas datam de 40 mil anos atrás, quando emergiu o comportamento do homem moderno. Enquanto os egípcios acreditavam em centenas de divindades que controlavam o destino humano (e da natureza), e os gregos, em Deuses que mostravam fraquezas e defeitos idênticos aos humanos, além de muitas outras variações entre os sistemas míticos, as respostas religiosas tendem a um fundamento similar para as mesmas questões existenciais de morte, renascimento e criação do mundo, enigmas por oposições (vida e morte, criação e destruição) e a tentativa de conciliação destas.

Para Giannetti (*apud* TEICH, 2004) esse processo é muito menos lógico e racional do que se supõe imaginar: “A formação de crenças é afetada por forças misteriosas, pelo homem subterrâneo que nos governa em segredo”, explica ele. “Esse ser é movido pela paixão, por propensões psicológicas, por projetos existenciais e por sentimentos. Para ele, a satisfação dos instintos mais básicos e remotos estão acima da razão”.

Manhart (2006) descreve casos em que pesquisadores como Andrew Newberg e Eugene G. d´Aquili, estudando monges em meditação e freiras franciscanas em prece, fizeram o registro da atividade no lobo parietal (responsável pela orientação espacial e senso do próprio corpo, que induz à consciência de onde termina o humano e o resto do mundo começa), concluindo que a atividade naquela área se reduziu bastante durante o ato meditativo. Com isto, postularam, então, que os sentimentos de religiosidade têm base neurológica, estando inscritos no cérebro. D´Aquili reconheceu, assim, o “imperativo cognitivo” para descrever a função do cérebro de dar significado às coisas. Da mesma forma, ainda segundo Manhart (2006) os fisiologistas Michael E. McCullough e David B. Larson estenderam este “imperativo cognitivo” ao conceito de anseio ontológico, em que o pensar incessante que faz com que se criem histórias, mitos e explicações do desconhecido é um objetivo do cérebro de forçar a compreensão do mundo, em vez de simplesmente aceitá-lo como é.

Essas pesquisas, graças à tomografia cerebral computadorizada, ainda levam em consideração que a matéria (cérebro) é formativa da mente. Porém, discordando

destas noções ainda cartesianas, muitos pesquisadores crêem que o ser humano, em essência, tem origem além da material, e por isso elaboraria incessantemente estas ficcionalidades, buscando retornar, de alguma forma, ao seio do qual se desconectou. Raul Marinho Jr. (2005) lembra que a percepção de se ter um eu (um *self* ou alma) reside na memória, banhado pelos mananciais das emoções, e não da razão.

Assim, como por ora não há comprovação cartesiana da existência de uma alma (ou mesmo de um espírito superior), e nem que a mente possa elaborar a massa cinzenta (apesar de que se sabe que a matéria é luz em vibrações mais lentas), não se pode negar o estatuto da possibilidade de a ficção ser tão verossímil quanto a aparente realidade.

Ademais, um trabalho como o que se está efetuando nesta tese, que busca um esclarecimento e posicionamento em relação ao ser humano, não como um ente exteriorizado apenas e sim interiorizado, cujas buscas externas refletem suas inquirições internas, pede, segundo Santos Neto (2006) e em consonância com a crise contemporânea que se tornou visível em todas as áreas da vida, um olhar pela antropologia filosófica, que atua no campo da busca de respostas à condição ontológica humana.

E este é o caminho atual, ao que se pode perceber, mais importante de todas as tentativas de se traçar respostas aos anseios que acometem o homem, desde sempre, inclusive desde quando ele só sabia partilhar histórias míticas, sem o entendimento racional delas.